

SUGESTÕES PARA A PESQUISA DOS QUADRINHOS COMO FONTES HISTÓRICAS

JEFFERSON LIMA*

O DOCUMENTO HISTÓRICO: PONDERAÇÕES SOBRE AS NOVAS FONTES HISTÓRICAS

Utilizar as Hqs, gibis, comics, bande dessinée, entre tantas outras denominações, não mais como ferramenta lúdico pedagógica, ou como documento auxiliar, e sim como fonte primária, a caráter, tem seu impacto na compreensão das sociedades humanas, sua cultura, pensamento, etc. Trazendo explicações sobre os grupos as quais são apresentadas.

Pensar quais métodos devem ser utilizados para o trabalho com fontes diversas – sejam elas de caráter visual, audiovisuais, textuais, entre tantas outras – permitem ao historiador do tempo presente um olhar mais detalhado sobre seu recorte histórico, levando ao tratamento de temas diversos, permitindo assim um novo aparato para o trabalho da história, além de demonstrar a importância destes novos documentos históricos para o trabalho do historiador, sendo que: “Nas fontes, as coisas do passado são conservadas para fins de memória, tais como o entendimento humano as detectou e as configurou para si.” (DROYSEN, 2009, p. 47).

As reflexões, sobre o que vem a ser o documento histórico – mais especificamente os novos documentos como blogs, quadrinhos, sites, entre outros – são necessárias para que, no momento de interpretação dos mesmos, o pesquisador tenha um conjunto de ferramentas que o permita analisar os conteúdos que só aparecem de forma indireta, e qual a perspectiva dada pelo leitor.

O historiador, dada a temporalidade recente em relação a esse tipo de documento, deve ter em mente a possibilidade – e de certa maneira uma certa cautela – em relação ao *fetichismo documental*. O documento histórico não cria o “fetichismo documental”, os assuntos pertinentes ao fetichismo são anteriores ao próprio documento, estão ligadas as concepções

* Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC), Mestrando, Bolsista CAPES.

do próprio historiador. São eles que formam a “aura” documental, ou nas palavras de Karnal e Tatsch: “Documentos criam importâncias que contaminam outros documentos que formam historiadores que passam a buscar aqueles documentos com hipóteses prévias”(KARNAL; TATSCH; in PINSKY; LUCA, 2009, p. 23)

Mas o que é um documento histórico?

Primeiro devemos entender que nem sempre o documento é importante no momento em que é escrito, pois a fonte nem sempre é pensada como um documento em si, mas muitas vezes se trata de um diálogo, entre o presente – em que se insere – e seu cotidiano.

Sobre o que seria um documento, pode ser pensada, sinteticamente, pela seguinte perspectiva: “Documento histórico é qualquer fonte sobre o passado conservado por acidente ou deliberadamente, analisado a partir do presente e estabelecendo diálogos entre a subjetividade atual e a subjetividade pretérita.” (KARNAL; TATSCH; in PINSKY; LUCA, 2009, p. 24).

Como exemplifica Durval Muniz: “A História possui objetos e sujeitos porque os fabrica, inventa-os, assim como o rio inventa o seu curso e suas margens ao passar. Mas estes objetos e sujeitos também inventam a história, da mesma forma que as margens constituem parte inseparável do rio, que o inventa”(ALBUQUERQUE Jr, 2007, p.29). Não teríamos aqui a função das fontes atreladas as necessidades dos historiadores que as utilizam? Não seriam os historiadores responsáveis por dar credibilidade e sustentação as fontes escolhidas? Sendo assim todo documento histórico é uma construção permanente, tendo em si a possibilidade de leituras possíveis e diferentes de um documento qualquer, onde o documento deve ser visto como base histórica e não mais como monumento.

A funcionalidade do documento tem relação com o sentido que o mesmo confere a personagens ou fatos, pois não existe um fato histórico eterno, mas sim, existe hoje um fato que consideramos histórico. Não existe fato histórico ou documento que tenha seu uso eterno, existe um diálogo entre a visão contemporânea e as fontes pretéritas.

Ao analisarmos um quadro nos prendemos ao pensamento do autor, qual impacto o mesmo deseja expor ao apreciador da obra, quais técnicas foram empregadas, enfim,

uma miríade de opções ligadas as Artes plásticas. Agora, se pensarmos em um texto, produzido em um livro, por exemplo, nos atrelamos a perspectiva literária, qual linha o autor segue, narrativa, poesia, conto, quais elementos fazem parte do seu emaranhado de palavras? Onde o autor se inspira, qual seu cotidiano, ou seja, utilizamos metodologias já conhecidas para o trabalho com estas fontes documentais, tão utilizadas pelos historiadores como Chartier, Gombrich, entre outros.

Ora, no caso das Hqs (Histórias em Quadrinhos), vistas como documento, os historiadores se deparam com a necessidade de uma metodologia de pesquisa específica, onde a percepção de seu conteúdo está para além das outras formas de arte ou veículos de informação. Não podemos apenas utilizar elementos das Artes plásticas e/ou da literatura, por exemplo, dada a especificidade dos quadrinhos, mas sim criar mecanismos próprios para a pesquisa dos mesmos.

OS QUADRINHOS COMO FONTE HISTÓRICA

No momento em que fazemos dos quadrinhos fontes explicativas, calcadas em leituras sobre a realidade, temos uma perspectiva específica, que demanda uma metodologia própria para sua utilização como fonte documental. A utilização dos quadrinhos, por pesquisadores de outras áreas das ciências humanas, já vem sendo debatida amplamente, e é defendida por Sonia Luyten, pesquisadora da linguagem dos quadrinhos no Brasil, que nos diz:

Em todas as áreas temos, portanto, a possibilidade de encontrar os quadrinhos. O que importa porém, é de onde vêm essas histórias e quem as escreve, pois elas são excelente veículo de mensagens ideológicas e de crítica social. (LUYTEN, 1993, p.7).

Nesta pesquisa, nos propomos a compreender os quadrinhos como outra forma de expressão gráfico-literária que conjuga os elementos necessários a formação de um discurso compreensível, mas que traz consigo as possibilidades de uma nova forma de expressão estética fortalecida e secundada pela imagética que acompanha o texto. Como afirma, igualmente, Nildo Viana:

Uma das grandes questões dos quadrinhos está nas mensagens que eles repassam. As HQ, desde o seu nascimento, são uma forma de comunicação e, portanto, uma forma de enviar mensagem. Por meio das imagens desenhadas, das palavras e diálogos, da representação pictórica, os quadrinhos manifestam valores, sentimentos, concepções, etc. Neste processo, o papel proeminente dos quadrinhos é repassar as idéias e valores dominantes. (VIANA, 2005, p.2)

A opinião de ambos os autores nos permite pressupor que a leitura dos quadrinhos, na verdade, foi contaminada - no caso da sociedade brasileira, em específico - por um processo que minimizou o papel dos mesmos como uma fonte informativa válida. Na realidade os quadrinhos são uma poderosa forma de expressão, tanto pela acessibilidade das imagens quanto pelos custos reduzidos de produção e vendagem em relação ao livro comum. A formação de um plano de execução é indispensável, pois, na criação de uma história em quadrinhos; que depende, antes de tudo, de um roteiro consolidado numa proposta ou idéia inicial.

Nas Histórias em Quadrinhos, também chamadas de Arte Seqüencial, em um dos livros mais interessantes sobre a análise dos quadrinhos presente nas obras de Will Eisner, Arte Seqüencial (2008) e Narrativas Gráficas (2009). Este consagrado quadrinista propõe um curso de desenvolvimento de histórias em quadrinhos, apresentando as diversas necessidades que a elaboração de uma história do gênero precisa para ser construída adequadamente. Segundo o autor:

A configuração geral da revista em quadrinhos apresenta uma sobreposição de palavra e imagem e, assim, é preciso que o leitor exerça as suas habilidades interpretativas visuais e verbais. As regências da arte (por exemplo, perspectiva, simetria, pincelada) e as regências da literatura (por exemplo, gramática, enredo, sintaxe) superpõem-se naturalmente. A leitura da revista em quadrinhos é um ato de percepção estética e de esforço intelectual. (EISNER, 1995, p.8).

Eisner foi responsável, por exemplo, por desenhar um importante volume, quadrinizado, sobre os Protocolos do Sábio do Sião, denunciando este documento fraudado de cunho anti-sionista, cuja história parece ser ciclicamente esquecida. Eisner faz, portanto, uma importante peça de discurso histórico, cujo conteúdo são adultos e, no entanto, se dispõe numa forma de mídia acessível as mais diversas idades. Do mesmo modo, Steve

Maccloud, em sua trilogia *Desenhando quadrinhos* (2007), *Desvendando quadrinhos* (2004) e *Reinventando os quadrinhos* (2005), segue o caminho de Eisner ao propor os expedientes necessários a construção de uma narrativa gráfica, e quais características são próprias ao discurso presente nas histórias em quadrinhos. Estas obras são importantes para compreendermos que a estruturação de uma história em quadrinhos depende de uma vasta e cuidadosa utilização de recursos estilísticos e textuais. A formulação de expressões e mensagens não é acidental, bem como depende da construção de um roteiro coerente.

Por estas razões, as histórias em quadrinhos não devem ser analisadas apenas como construções literárias, posto seu alcance e potencial de expressão, nem tão pouco como meros conjuntos imagéticos, dada seu pensamento roteirizado. É chegado o momento em que podemos admitir, com certa segurança, que estas fascinantes peças culturais podem servir na formação do conhecimento histórico, trabalhando com a idéia de agenciamento/subjetividade, tanto como fontes, ou como ferramentas pedagógicas.

A relação de indução presente nos quadrinhos: a metodologia de análise dos quadrinhos

A formulação de métodos, para a compreensão dos quadrinhos, é apresentada na bibliografia brasileira desde a década de 1970. Temos como exemplo o livro *Shazam*, de Álvaro de Moya, que reúne um conjunto de pensadores sobre a montagem das Hqs, pensando conceitos como: Argumento, onomatopéias, psicologia dos quadrinhos, entre outros, que se debruçam sobre a constituição presente na produção das histórias. Um bom exemplo de como esse pensamento sobre o método de criação é abordado se encontra no texto de Enrique Lipszyk, onde o autor se debruça sobre a relação do argumento presente nas Histórias em quadrinhos:

Ao escrever um argumento, o desenhista (se é ele quem o faz) acumula previamente o material que irá utilizar: um conjunto de fatos, acontecimentos etc. observados por ele mesmo ou imaginados. Ou senão usando experiências de outras pessoas (jornalismo, notas, descrições, novelas, filmes, etc.) (LIPSZYK, in MOYA, 1977, p. 237)

Na mesma publicação, temos o exemplo da relação com as onomatopéias, trabalhadas por Naumin Aizen, onde, nas palavras do próprio autor: “Procura-se, neste trabalho, fazer um pequeno levantamento de tudo o que há de mais importante sobre onomatopéia, não somente nas histórias em quadrinhos, mas também em vários campos da linguagem” (AIZEN, in Moya, 1977, p. 269), mostrando como tanto a onomatopéia tem caráter não apenas discursivo, de produção textual, mas se apresenta como ferramenta para a construção da narrativa dos quadrinhos, mostrando como a representação textual, junta a parte imagética, acabam criando a forma de expressão ligada ao discurso e formatação de movimento presente nas histórias em quadrinhos.

Outro autor que trabalha com a análise dos quadrinhos, mais especificamente sua ligação com a cultura de massa, é Umberto Eco. Em seu *Apocalípticos e Integrados* de Umberto Eco traça um conjunto de discussões, tais como: O Mito do Superman, Peanuts, Música, Kitsch, entre outros. O ponto mais interessante, da perspectiva deste trabalho, é a análise intitulada Leitura de “Steve Canyon”, onde o autor apresenta questões sobre a Análise da mensagem, a linguagem, e as questões presentes na “estória em quadrinhos” intitulada Steve Canyon, de Milton Cannif, onde, a convite de Eco.

Sigamo-lo, pois, individuando o “modo” pelo qual prepara sua mensagem, e decodifiquemos a mensagem segundo tudo quanto ela possa comunicar, não nos esquecendo de focar a estrutura da própria mensagem, examinando-lhe, por fim, os signos e as relações entre signos em referencia a um dado código a que o autor se atém, presumindo-o do conhecimento de seus leitores. (ECO, 2001, p.131)

Ao complementar suas ferramentas de análise, podemos visualizar um conjunto de informações mais específico para decifrar os contextos pertencentes ao pensamento proposto nos quadrinhos. Para tanto serão acrescidos dois quadrinistas, citados acima, que analisaram, de maneira extremamente competente, as relações presentes, de maneira mais amíúde, das Hqs – tendo em vista que a relação com a pesquisa histórica demanda perspectivas bem mais complexos.

Para Eisner: “A configuração geral da revista de quadrinhos apresenta uma sobreposição de palavras e imagem, e assim, é preciso que o leitor exerça as suas habilidades interpretativas visuais e verbais” (EISNER 1995, p. 8), onde pode-se notar uma relação entre o entendimento dos símbolos gráficos, sejam textuais ou gráficos, pelo leitor. Temos aqui, como o próprio Will cita, o pensamento sobre a *Arte Seqüencial*, quais características, em relação a imagem e texto, devem ser pensadas em relação ao tema, onde, nas palavras do autor: “Na Arte seqüencial, as duas funções estão irrevogavelmente entrelaçadas. A arte seqüencial é o ato de urdir um tecido” (EISNER, 1995, p. 122),

No momento que refletimos sobre os mecanismos que formam os quadrinhos, alguns pontos devem ser lembrados, e que são abordados no livro *Arte Seqüencial*, tais como: *Imagens, tempo, enquadramento da fala, enquadramento ao tempo, o quadro, o quadro como meio de controle, a linguagem do requadro, o requadro como*



recurso narrativo, o requadro como recurso estrutural, o traçado do requadro, função emocional do requadro, a página como metaquadrinho, composição do

Exemplo (A) Na seqüência que trata da recuperação da cegueira do Espírito, a visão é de fato a dos olhos do protagonista. O requadro dos quadrinhos mostra isso e, espera-se, permite que o leitor compartilhe a experiência. Da história *Fluid X (Fluido X)* do Espírito, publicada pela primeira vez em 14 de setembro de 1947. (EISNER, 1995, p. 59)

quadrinho, função da perspectiva, realismo e perspectiva, anatomia expressiva, o corpo, postura, o rosto, aplicação da “escrita”, palavras/arte, aplicação de palavras, história e imagem, desenvolvimento da história.

A terminação, *Arte Seqüencial*, cunhada por Eisner, acaba abarcando um conjunto diverso de informações sobre a constituição e montagem dos quadrinhos, mas, ainda assim, detém um déficit na própria conceituação do termo, e em seu conjunto de atributos. O que deve ser observado, para além dos mecanismos de criação apresentados

acima, são o conjunto de pontos que ainda faltam para a análise mais aprofundada do tema. Ao complementar a fala de Eisner, posto que o conjunto principal de mecanismos para a análise do tema já está presente no seu trabalho. Portanto, no momento que utilizamos também as ferramentas de análise presentes nas obras de Scott McCloud abrimos um leque maior de maneiras de interpretação do documento quadrinho.

McCloud nos mostra, em seu *Desvendando os Quadrinhos*, que existem outros focos a serem analisados. O primeiro deles é a própria conceituação sobre o que são histórias em quadrinhos, complementando o termo *Arte Sequencial*, cunhado por Eisner, Scott apresenta:



Histórias em quadrinhos s. pl., 1. Imagens pictóricas e outras justapostas em seqüência deliberada destinadas a transmitir informações e/ou produzir uma resposta no espectador. (McCLOUD, 2005, p.9)

Ou seja, os quadrinhos são mais do que *Arte Sequencial*. Os desenhos animados, e filmes, podem ser enquadrados, também como *Arte Sequencial*. Para McCloud alguns pontos interessantes para o entendimento dos quadrinhos são: O vocabulário dos quadrinhos (ícone, realismo e cartum, identidade estendida, plano das figuras), entre quadros (momento - para-momento, ação - pra - ação, tema - pra - tema, aspecto - pra - aspecto, non - sequitur), molduras de tempo, Linhas e traços, entre outros.

Um dos mais importantes é sua consideração sobre a função do espaço entre os quadros, que demonstra a função do leitor, a de decodificar as imagens e conteúdos dos quadrinhos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste contexto, devemos entender, quanto historiadores, que o quadrinho traz um conjunto de imagens possíveis de interpretação por um grupo capaz de decodificar sua

simbologia, e a partir disso propícios a apropriação, interpretação e mudança dos conteúdos proposto. Onde acaba existindo uma relação entre autor e leitor, onde o imaginário do leitor faz parte da leitura do quadrinho. Ou seja, sem as ferramentas para a análise do discurso possíveis nos quadrinhos, se torna inviável a utilização desta forma de expressão como fonte histórica, e além disso, devemos compreender que tanto o leitor quanto o autor são responsáveis por “dar vida” a imagem/texto no papel.

A contribuição com a idéia de documento quadrinhos, e como devem ser analisados, abre novos paradigmas para a história, principalmente a história do tempo presente, permitindo uma inserção no pensamento dos consumidores deste quadrinho. Para concluir, as Hqs vão além do conjunto imagem/texto, acabam trazendo em seu cerne a relação autor/leitor e quais mecanismos ambos utilizam para realizar esta conexão. “A pesquisa histórica não tem por ambição explicar, ou seja, não pretende deduzir do anterior o posterior; os fenômenos necessariamente como efeitos de evoluções e leis que os regem. [...] A essência da interpretação é ver realidades nos acontecimentos passados, com toda abundância de condições que exigiram sua concretização e existência” (DROYSEN, 2009, p. 54).

BIBLIOGRAFIA

- AIZEN, N. *Onomatopéias nas histórias em quadrinhos*. In MOYA, A. (org.) **Shazam!**São Paulo: Perspectiva 1977.
- ALBUQUERQUE JR., Durval Muniz de. **História: a arte de inventar o passado. Ensaios de teoria da história**. Bauru, Edusc, 2007.
- DROYSEN, Johan Gustav. **Manual de teoria da história**. Petrópolis, Editora Vozes, 2009.
- ECO, Umberto. **Apocalípticos e Integrados**. São Paulo: Perspectiva, 2001.
- EISNER, W. **Arte Sequencial**. São Paulo: Martins Fontes, 2007.
- KARNAL, L.; TATSCH, F.G. *A memória evanescente*. In PINSKY, C. B.; LUCA.T.R. (Org.) **O historiador e suas fontes**. São Paulo, Contexto, 2009.
- LIPSZYC, E. *História em quadrinhos e seu argumento*. In MOYA, A. (org.) **Shazam!**São Paulo: Perspectiva 1977.
- LUYTEN, Sônia M. Bibe. **O que é Histórias em Quadrinhos**. São Paulo: Brasiliense, 1993.
- MACCLOUD, S. **Desvendando os Quadrinhos**. São Paulo: Mbooks, 2004
- VIANA, N. *O que os quadrinhos dizem?* Revista Sociologia, n. 29. São Paulo: Escala, 2010.